

CATHERINE BYBEE

*Seduzida
até
domingo*



Tradução
Andréia Barboza

1ª edição
Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Cleide Salme

Capa, projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Foto da capa

Pindyurin Vasily / Shutterstock (noiva)

Título original*Seduced by Sunday*

ISBN: 978-85-7686-608-4

Copyright © Catherine Bybee, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Amazon Publishing, www.apub.com,
em colaboração com Sandra Bruna Agencia Literaria.

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B997s

Bybee, Catherine, 1968-

Seduzida até domingo / Catherine Bybee ; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas [SP] : Verus, 2017.
23 cm. (Noivas da Semana ; 6)Tradução de: *Seduced by Sunday*

ISBN: 978-85-7686-608-4

I. Romance americano. I. Barboza, Andréia. II. Título.
III. Série.

17-44572

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se no site www.record.com.br e receba
informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002



— **SE UM DIA EU** decidir deixar o ramo de encontros, posso pensar em ser cerimonialista. — Meg Rosenthal ergueu a taça e sorriu para a noiva que passava.

— Se tivesse planejado essa festinha, você não estaria ao meu lado bebendo champanhe. — Eliza Billings, primeira-dama do estado da Califórnia, apoiou a mão na barriga de seis meses que não parava de crescer. Sua gravidez era exibida com a graça e a elegância de uma mulher do seu nível. Os longos e brilhantes cabelos pretos deslizavam pelas costas, em contraste com o chanel loiro e os olhos cor de âmbar de Meg. — Você estaria correndo atrás da Shannon, lembrando a hora de ela cortar o bolo e jogar o buquê.

Shannon Redding, agora Shannon Wentworth, era a noiva do dia. Ela havia se casado com Paul Wentworth, o candidato republicano a governador. O marido de Eliza, Carter Billings, deixaria o cargo em pouco mais de um ano e meio. Paul e Shannon Wentworth firmaram um contrato de casamento que duraria dois anos, a não ser que ele não conseguisse se eleger. O eleitorado preferia que os políticos fossem homens de família. Como Paul estava pronto para concorrer ao cargo, mas não para se casar, ele contratou a Alliance para conseguir uma noiva adequada. Com um pouco de sorte, depois que Paul cumprisse os quatro anos de mandato, a população da Califórnia acreditaria em sua capacidade como governador, mesmo sendo divorciado.

Eliza estava certa. Meg preferia arranjar casamentos temporários, como o de Paul e Shannon, a escolher locais e detalhes de decoração de festas de casamento. Seu trabalho era muito mais fácil e lucrativo.

Paul vinha de uma longa linhagem de políticos. Era rico, charmoso e influente. Infelizmente, sua preferência por um certo tipo de mulheres muitas vezes o levava à primeira página dos tabloides, em vez de ao *Wall Street Journal*.

Shannon também vinha de uma família de advogados e aspirantes a políticos. No entanto, para a consternação de seus pais, ela nunca quis estudar direito. Sua paixão era a fotografia. Mas fotos não pagavam as contas, e sua família não estava disposta a bancar sua vida se ela quisesse desperdiçá-la atrás de uma câmera.

Shannon era o tipo de cliente que a Alliance adorava recrutar: simpática, inteligente, equilibrada e determinada a viver segundo suas próprias regras. Um acordo pré-nupcial, além de um contrato particular que só os advogados da Alliance e de Paul conheciam, ligava o feliz casal muito antes do dia do casamento. Paul assumiria Shannon como esposa e cuidaria de todas as suas necessidades durante a união. Quando eles se separassem, depois de dois anos, ela teria seis milhões de dólares no banco e não precisaria da ajuda financeira de sua família.

Meg se afastou quando Carter surgiu ao lado da esposa, deslizando um braço ao redor de sua cintura.

— A mulher mais bonita da festa — ele disse, alto o suficiente para Meg ouvir.

Eliza se aconchegou ao marido e corou. Era de imaginar que, depois de mais de seis anos de casada e com um bebê a caminho, uma mulher não ficaria mais vermelha com um elogio do marido, mas, aparentemente, Meg estava errada.

O tilintar de taças encheu o salão. A atenção dos convidados se desviou para o casal, que era obrigado a se beijar sempre que alguém brindava.

Meg observou com interesse enquanto Paul abaixava a taça e alcançava sua noiva. Com exceção dela e dos Billings, todos achavam que eles haviam se casado por amor e que seria para sempre. O beijo na igreja foi breve. Doce, mas breve. Como seria agora?

Paul tirou a taça da mão de Shannon e ofereceu um sorriso divertido antes de encostar os lábios nos dela.

Meg começou a contar. *Um, dois, três...* a palma da mão de Shannon agarrou a lapela do terno dele... *quatro...*

— Interessante — Eliza sussurrou quando eles se afastaram e a contagem chegava a seis.

Shannon estava ruborizada, e Paul ficou encarando-a com os olhos em chamas.

Meg se inclinou na direção de Carter.

— Que tal lembrar as regras para o seu amigo?

Ele balançou a cabeça e ergueu as duas mãos no ar.

— Não faz parte do meu trabalho.

As regras eram simples. A Alliance arranjava casamentos, não relacionamentos de ordem sexual. Se o contrato resultasse em sentimentos verdadeiros ou temporários, a agência não lidava com custódias de filhos. Era isso e ponto-final. Como Samantha — ou Sam, conforme os amigos a chamavam —, a proprietária da Alliance, sempre dizia: se os noivos decidissem manter o casamento após o período do contrato, que fossem felizes e dessem seu nome ao primeiro filho. Ou, nesse caso, o nome de Meg, já que fora ela quem havia agenciado o casamento.

Carter puxou Eliza para a pista de dança, e Meg foi até a noiva. Ela sabia que, à medida que a noite avançava, teriam pouco tempo para conversar.

— Vocês dois pareceram bem próximos — Meg sussurrou assim que puxou Shannon para um canto.

A noiva se abanou e o sorriso mantido durante toda a festa não se desfez.

— Ele era um mulherengo antes de virar político.

Meg bateu no ombro dela.

— Não se esqueça disso.

— Nem precisa me dizer. Certas coisas são esperadas. Mas a nossa lua de mel vai ser mais fácil.

— Para onde vocês vão?

— Um resort privado e muito chique em Keys. Um monte de celebridades e pessoas que querem fugir de badalação escolhem esse lugar como refúgio. A segurança é de primeira e todos os clientes são pré-selecionados.

— Pré-selecionados para quê? — E quem pagaria para viajar a um lugar onde alguém manda verificar seus antecedentes?

— Para evitar repórteres ou paparazzi, que podem divulgar informações sobre quem está lá, com quem, esse tipo de coisa. Reservamos um bangalô de dois quartos, isolado na praia e muito discreto. A imprensa não vai estar lá para ver ou deixar de ver o que quer que seja.

Interessante.

— Acho que eu devia conhecer esse resort... — Parecia o lugar perfeito para encontrar novos clientes ou garantir que os atuais tirassem férias sem toda a atenção da imprensa.

— Parece um achado para o seu trabalho — Shannon disse.

Era um achado, não era? A Alliance precisava de lugares como esse no mundo todo.

Paul se aproximou. A gravata pendia do colarinho, e o sorriso fácil e charmoso que fazia muitas mulheres enlouquecerem se voltou para Shannon.

— Achei que você já tinha me deixado.

Ela revirou os olhos e não vacilou quando ele colocou a mão em suas costas.

Paul olhou para Meg e deu uma piscadinha. Riu quando ela estreitou os olhos e franziu o cenho.

— Precisamos cortar o bolo — ele disse para a sua noiva temporária.

Antes que se afastassem, Meg estendeu o dedo para Paul.

— Comporte-se.

Ele piscou um olho novamente.

Meg sabia que esse verbo simplesmente não constava no vocabulário de Paul Wentworth.



O Villa Sapore di Amore era muito mais que um hotel.

Era uma ilha. Uma ilha particular que ficava entre duas maiores. Chegar até lá exigia um voo particular ou um barco fretado no continente. Helicópteros eram o meio de transporte favorito das pessoas que queriam aproveitar o sol do Caribe sem o flash das câmeras dos paparazzi.

Com as fotos que Shannon enviara depois que ela e Paul voltaram do resort, Meg começou a organizar sua viagem para o Sapore di Amore.

Conseguiu com Sam a verba de que necessitava para a viagem e o jatinho particular de Blake para voar até lá.

Agora, só precisava da companhia de alguém influente.

Então lembrou que Michael Wolfe, um dos maiores astros de Hollywood, era irmão de Judy, sua melhor amiga.

Todas as mulheres eram loucas por ele. O problema era que ele não jogava nesse time, fato que Meg percebera após entrar para a Alliance.

O choque atingiu Meg pouco depois de a amiga se casar com Rick Evans, por quem era apaixonada.

Elas estudaram juntas na faculdade e então se mudaram para o sul da Califórnia. Estavam seguindo carreiras diferentes: Judy crescia na área de ar-

quietura, enquanto Meg não tinha ideia do que faria com o diploma de administração. A sorte e o momento a fizeram conhecer Samantha Harrison e a Alliance. Ela jamais imaginara trabalhar em uma agência de relacionamentos quando estava estudando. No entanto, o trabalho se encaixou perfeitamente para ela.

Tudo bem, talvez não perfeitamente.

Tendo crescido com poucos recursos, muitas vezes era difícil se misturar aos ricos e famosos. Mas, nos últimos dois anos, ela conseguiu fazer exatamente isso. Encontrou vários clientes: homens ricos e mulheres dispostas a fazer parte do cadastro da Alliance.

Assim que Meg provou a Sam que era confiável, descobriu os segredos da Alliance. Soube que Michael havia se casado com uma mulher por meio da agência só para afastar boatos sobre sua vida pessoal.

A carreira dele era lucrativa. Girava em torno de trinta a quarenta milhões por filme, e Hollywood gostava que seus galãs fossem heterossexuais.

Michael contou para algumas pessoas da família e da Alliance a respeito da sua sexualidade. Seus pais e o restante do mundo não faziam ideia.

Na opinião de Meg, provavelmente ele manteria suas preferências sexuais escondidas nos próximos anos.

Então, quando ela perguntou se ele estava interessado em brincar de gato e rato na ilha, Michael ficou feliz em aceitar.

Quando ela contou que o resort era uma área livre de paparazzi e que estava indo até lá em missão de reconhecimento para determinar se o lugar realmente guardava segredos, ele ficou ainda mais intrigado.

Só havia um probleminha. Meg não passou na verificação de antecedentes do hotel.

Ou, pelo menos, foi assim que ela traduziu a carta de Valentino Masini. O cara era folgado.

Prezada,

Embora tenhamos aceitado a inscrição de Michael Wolfe, ainda não conseguimos verificar as credenciais de Margaret Rosenthal.

Aceitamos as referências dos últimos dezoito meses, mas ainda estamos averiguando a cronologia anterior. Por favor, aceite nossas desculpas enquanto continuamos as pesquisas.

Esteja certa de que os hóspedes do Villa Sapore di Amore são respeitados e a privacidade de todos eles é de extrema importância. Como será a sua, caso se junte a nós. Devemos ter uma resposta ao seu pedido nas próximas semanas. Cordialmente,
Valentino Masini

Ela reconhecia uma carta-padrão quando a via. Insira um nome aqui, omita outro ali. O fato era que, antes da Alliance, Meg não era ninguém.

Na realidade, ela ainda não era ninguém. Conhecia algumas pessoas influentes e bem-sucedidas, mas seus amigos mais próximos também estavam na categoria “ninguém”.

Cartas como essa provocavam muita insegurança. Ela vivia em meio à elite, usava as mesmas roupas, compradas nas mesmas boutiques, voava em aviões particulares, mas não era um deles.

Pelo menos ainda não.

A rejeição abriu um buraco em seu estômago e fez sua pele se eriçar.

Como esse Valentino se atrevia a rejeitá-la? Valentino! Que tipo de nome era esse?

Nome artístico, ela decidiu. Para causar impacto. Com certeza não era seu nome de batismo.

Além disso, provavelmente fora a secretária de Valentino quem escrevera a carta.

Era muito provável que ele fosse um velho careca, que vivia em algum prédio mofado de tijolos na Itália, onde o sol o deixava fedendo a almíscar.

— “Caso se junte a nós” uma ova — Meg falou, enquanto respondia ao e-mail.

Prezado sr. Masini,

Embora eu compreenda plenamente a sua preocupação e respeite a questão da privacidade, o senhor poderá ver, pelas minhas referências e meu companheiro de viagem, que discrição e segurança são tão importantes para mim quanto para o senhor. Se não mais. Não pretendo parecer esnobe, mas me parece necessário tomar medidas a fim de agilizar a nossa reserva.

Talvez o senhor saiba quem são Carter e Eliza Billings. Eu poderia sugerir que ligasse para a mansão do governador, mas a equipe de lá não passaria sua ligação.

Anexo, envio o número do telefone particular dos dois. Estou certa de que o senhor entende a necessidade de esses números permanecerem em segredo.

Espero seu retorno em breve.

Atenciosamente,

Srta. Rosenthal

— Babaca — Meg murmurou consigo mesma antes de telefonar para Eliza.

Ao terminar a ligação com a esposa do governador, desligou o computador e entrou na cozinha.

Sua chefe e a primeira-dama já haviam morado na casa de Tarzana. A Alliance tinha um endereço fixo, mas as pessoas que a gerenciavam no dia a dia mudavam com o passar dos anos. Já haviam dito para Meg que quem dormia na suíte principal da casa se casava logo em seguida. A evidência ficava por conta dos votos trocados pelas funcionárias da Alliance ao longo dos anos.

Desnecessário dizer que Meg não dormiu no quarto principal. Ela sempre se sentira atraída por homens que não podiam lhe oferecer nada, emocional ou financeiramente. Pensar em casamento e no felizes para sempre lhe dava comichão.

Ela não pretendia encontrar um companheiro de vida. Morar no mesmo lugar em que trabalhava, no entanto, fazia todo o sentido.

Quando começou a trabalhar para Sam, Meg chegou a pensar que talvez pudesse aderir ao lance de esposa por conveniência. O que havia de errado em encontrar um marido temporário que lhe pagasse uma bolada ao final de um ano?

Então ela percebeu que poderia ganhar um bom dinheiro arranjando casamentos e viver sua vida como achasse melhor.

Talvez fosse superstição, ou talvez fosse o cheiro da maconha que seus pais adoravam fumar que se infiltrava ali, mas Meg não dormia no quarto principal, por medo de que o cômodo fosse amaldiçoado.

Ela guardava o dinheiro que ganhava e viajava algumas vezes para ver os pais. Pagou seus empréstimos estudantis — coisa que achou que nunca conseguiria fazer, pois sempre assumiu que eles seriam parte de *algo* em seu futuro. Quem, nos dias atuais, pagava seus empréstimos estudantis?

Nesse ínterim, ganhava um bom dinheiro e vivia praticamente livre. Viajava para lugares como o Sapore di Amore por conta da Alliance, que era uma empresa com recursos financeiros.

No entanto, ao fim do dia, quando Meg tirava os sapatos de grife e o vestido de noite, ela se sentava no sofá e vestia sua calça de moletom, na companhia de uma tigela enorme de pipoca para assistir ao último filme de ação na TV. Algumas noites, passava jogando bilhar com seus amigos. Ou, no caso dela, observando os amigos jogarem, ou indo a noites de karaokê, que a possibilitavam de sonhar.

Hoje era a noite da pipoca.

Ela não iria ao karaokê sem a melhor amiga, e as outras pessoas que conhecia eram todas casadas ou ocupadas.

Então, pipoca.

Meg pegou uma cerveja na geladeira e caminhou até o piano, que havia comprado com o seu primeiro salário. Ele ficava na sala de estar e fazia mais do que servir de apoio para fotos.

Depois de ensaiar algumas notas, Meg começou a tocar um clássico. Só que as palavras que ela usava para “My Funny Valentine” não eram as originais.

Não... Seu namorado engraçado, como dizia a música, era composto por coisas e descrições que se ajustavam ao seu humor do momento.

Valentino era um babaca. E todos os dias *não* eram Dia dos Namorados.